

Os animais ferozes e sua expressão social

OS «RENDEZ-VOUS» DOMINGUEIROS NO JARDIM ZOOLOGICO — A FUNDA MELANCOLIA NO PARQUE DAS LARANJEIRAS — DE COMO UMA LEÔA SE TORNA TRAVESSURA PATRIÓTICA — EDUARDO FRIAS NA MANSÃO DOS TIGRES — OS LEÕES, OS TIGRES, OS LOBOS E OS CAMELOS: O SEU PAPEL NA SOCIEDADE PORTUGUÊSA.

Aos domingos, se o dia está bonito, centenas de famílias lisboetas deslocam-se placidamente para o Jardim Zoológico. A contemplação



O domador profissional alemão Scheider passeando nas ruas de Paris com uma leôa, um dos 40 animais da mesma espécie com que anda percorrendo o mundo

de animais pacíficos ou ferozes, a observação atenta de todos os seus gestos, são para os visitantes motivos de forte prazer espiritual. E é o espírito que bafeja de subtilezas as analogias que as famílias sabem encontrar com fulminante oportunidade, entre as suas próprias pessoas, as pessoas amigas e as pessoas conhecidas.

Exigem as regras de boa educação, formadas de bons exemplos, que o papá explique eruditamente, diante de uns letreiros que se assemelham a certidões de idade, qual a origem e o carácter do bicho prisioneiro. Mas a erudição do chefe é insuficiente para vencer a curiosidade da prole.

Ficam os meninos sem saber se são os macacos que os imitam ou se são por eles imitados; as meninas ignoram se devem fingir-se gazelas ante as suplicas amaneiradas dos galãs de capelistas; as mããs demoram-se nas hipóteses de uma semelhança dos tigres ou do burro da Abissínia com o seu queridinho marido, sempre fiel e constante...

Assim se torna, pela graça forte e audaciosa do lisboeta, o admirável Parque das Laranjeiras num famoso laboratório de psicologias. Se passa um cavalheiro adiposo e pezado, olhar mortiço, palpebras inchadas, corpo sem formas, pernas sem curvas, todo ele hesitante, logo o hipopótamo, o elefante, servem de tema às conversações familiares. Passa um mancebo esbelto, modelo vivo e artificial do ultimo figurino, e é certo que as risadas convencionais de manas casadoiras ou virgens esperançosas deixam revelar-se a impressão que lhes causa nos nervos delicados, o gato bravo, a girafa, ou os galos da Índia. A malícia de todos os visitantes da fauna aprisionada e sonolenta facilmente confunde as azas dos corvos com as capas dos academicos, as *toilettes* de varias senhoras do bom-tom com as penas do pavão, as notas musicais de um sexteto com os sons guturais e asperos dos macacos.

No fim de contas, nada de ofensivo se pode deparar no Jardim Zoológico: nem na frequência, nem na fauna. O lisboeta nada mais deseja do que contemplar uma fêra e beber um chá no *dancing*, cujo dono ou gerente foi já, com muito espírito, acusado de sanguessuga. Ha uma certa intimidade, toda exteriorizada em descrições silenciosas e olhares tranquilos, entre famílias cruzando as âleas arborizadas que convidam à meditação as almas sentimentais e sonhadoras. Até os animais sabem naturalmente compreender esta intimidade sem expansões: a nostalgia como que afogou o instinto sanguinario das fêras, a timidez dos animais selvagens e a ansia dos grandes vôos nas aves que já habitaram montanhas.

E até os bambinos teem doce e facil alegria numa volta ao parque, conduzidos numa quasi liliputiana *charrette*, puxada por dois pôtros jovens, nervosos, ligeiros, com uma bondade que dir-se-ia humana. E tambem as almas enamoradas se podem refugiar nos recantos silenciosos e de sombra acolhedora, comunicando-se segredos, em *flirts* singelos, sem que o olhar dos animais e das pessoas possam perturbálos. De igual modo, nestes recantos que ficam alem da zona habitada e frequentada—a «baixa» do jardim,— os melancolicos e os misantropos podem desafogar a sua exaltação intima, sem o constrangimento que lhes provocaria um sarcasmo cruel.

O sol-posto, toda a animação daquele mundo selvagem, feroz e humano, daquele mundo só formado de incontroláveis aparências, começa declinando até extinguir com a última claridade do dia. Os tratadores açulam as feras para o outro lado da jaula, para onde passarão através de uma baixa e estreita porta que logo se fecha hermeticamente. Na contemplação deste episódio final, o visitante fica deveras impressionado ante a dôr e a angustia que se manifestam na resistencia das feras, sempre revoltadas contra as grades impassíveis e sempre nostálgicas da floresta que outrora as acarinhava e protegia. Melhor conformados no cumprimento de uma sentença que indefinidamente os condenou à clausura, mais realistas na satisfação das necessidades materiais da existencia, sem deixarem de ser nostálgicos e rebeldes, os outros animais, os que não temem a envergadura do leão, o orgulho do tigre, a furia do lobo, vão aceitando e digerindo indiferentemente as rações ensanguentadas e pastosas que se lhes atira por entre as grades maciças.

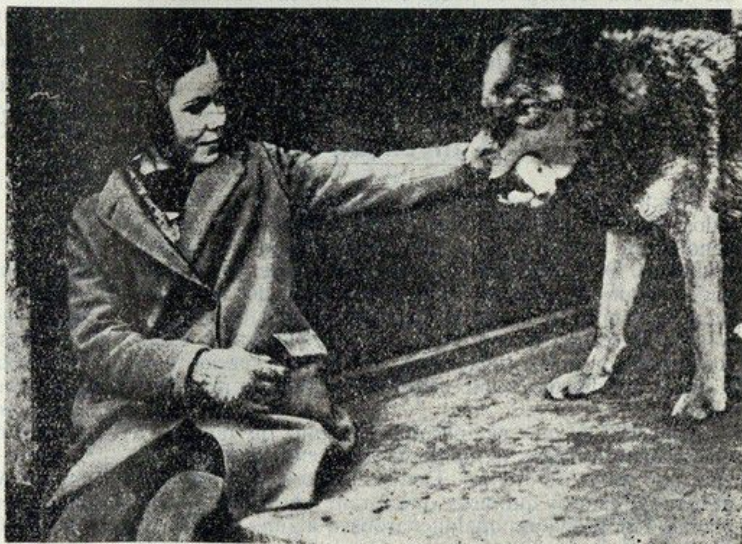
Dizem-nos agora que o Jardim Zoológico se vai transformar, fazer-se moderno, apagar de vez o seu aspecto de selva tão improprio do clima meridional e do gosto europeu. Não deixa de regosijar esta perspectiva já oferecida de se civilizar uma fera ou educar-se um macaco, em meio da alegria ruidosa que é expressão doentia do nosso seculo.

Afinal, tornar os animais das selvas e das florestas à semelhança do espirito humano, ou mais rigorosamente, torná-los humanos no convívio dos habitantes das cidades, não é utopia alucinada. O sr. Schneider, alemão, passeia nas ruas de Paris, todas as manhãs, na companhia de uma leãoa que não se excita, que não traz açamo nem vem enclausurada em qualquer jaula de rodar. O sr. Schneider afirma que os leões poderão ser facilmente domados, tornarem-se inofensivos no convívio dos cidadãos. Sabendo-se que os franceses, a acreditar nas paragonas que tantas vezes lemos, se bateram como leões contra os alemães, a afirmação do sr. Schneider deve parecer, aos alegres parisienses, um remoque agressivo de um patriota germanico. Longe da rivalidade destes leões, nós não deixamos de registar a opinião do sr. Schneider e de garantir documentalmente a sua autenticidade.

Demais, a ferocidade destes animais parece ser mais lendaria do que real. Pode mesmo colocar-se, sem afronta para as especies interessadas, a ferocidade do tigre ou do leão a par da energia do homem. Duas forças iguais, longe de se atraírem, repelem-se e só por isso é que

a fera não receia o homem, nem o homem teme a fera. O nosso amigo Eduardo Frias pode explicar este axioma melhor do que nós: conseguiu já ingressar na jaula dos tigres que o sr. Franchi, domador de origem ignorada, apresenta no Coliseu dos Recreios. E da jaula saiu Eduardo Frias sem uma unica beliscadura, sem que os tigres se movessem da sua amavel e quasi humana attitude, apesar da ansiedade do sr. Franchi, que traz embutida nas costas, em baixos relevos, toda uma habilidade de domador nunca vista...

Francamente, o que parece ter anulado a ferocidade dos animais são a política e os negocios. Para devorarem riquezas, já banqueiros internacionais, *escrocs* de grande envergadura, empresarios de grandes jornais, se atiram como leões á circulação fiduciaria, agravando-a com estranhas duplicações ou com uma monumental falsificação. Para se saciarem de ambições, os politicos semelham tigres na compita dos melhores logares e dos maiores premios de corrupção. Para desafogarem os seus instintos sanguinarios, os lobos da policia ferem e matam pessoas desprezadas e pacificas. E só o cidadão, que paga impostos, que suporta os politicos, que teme a policia, escolheu para si a triste personalidade do urso apesar de a Revolução Francesa ter proclamado os seus direitos



Um lobo de 10 anos convertido em manso cordeiro

— unica cousa que ele ainda hoje invoca orgulhosamente, com a mesma satisfação que Primo de Rivera deve sentir, se algum dia conquistar Marrocos. Enfim, o que se acha consumado é a transfiguração dos animais ferozes e selvagens em seres perfeitamente humanos e civilizados... Que imperiosa, essa lei natural que transforma as especies — e que no nosso tempo parece já um decreto promulgado por um governo democratico!...

David de Carvalho.